

Os anarquistas e a guerra européa

Berlim é a designação simbólica do despotismo, porque os governantes alemães se fizeram os seus mais activos agentes, os seus mais legítimos representantes. Nos últimos quarenta anos, a sua ambição de domínio não fez senão aumentar, á medida que aumentava a força da Alemanha para o impôr. Esta ambição era agora muito mais patenteada do que no tempo em que Bakounine dizia que «a tão encarecida civilização dos alemães, é a aliança monstruosa da brutalidade e da sciencia para a servidão da Humanidade».

O grande perigo duma victoria alemã, não estaria só no facto propriamente dito da dominação pelas armas alemãs; estaria em que victoria viria despertar e robustecer o espirito reaccionario que em todos os paizes existe, dando em resultado que a luta contra este seria muito mais difficil, e uma derrota muito mais provavel senão certa. Pois como se comprehende que em toda a parte, desde que a guerra rebentou, tudo que tem amor pelo passado ou interesse em que ele volte ou se vigorise, todos que simpatizam com a reacção politica e social, nos seus varios aspectos, desejassem a victoria da Alemanha? A attitudé dos reaccionarios é, de resto, instructiva a este respeito. A' medida que as probabilidades de victoria dos alemães teem vindo diminuindo, baixam eles de tom, encolhem-se, disfarçam. Manifestasse-se provavel a victoria alemã, e ve-los-iamos de novo arrogantes, preparando-se para o salto.

O maior adversario da revolução na Russia era o governo alemão; e não fosse a mania de dominio que os alemães manifestavam contra os russos, como contra todos, teriamos visto, não a forçada e antipatica aliança franco-russa, mas a natural aliança dos dois despotismos, a fazerem face ao sopro de liberdade, de emancipação da Europa occidental.

O que o Kaiser e os governantes alemães mais temiam, não era a guerra comercial, porque dessa estavam eles todos os dias saindo vencedores; era o espirito de liberdade, cuja invasão e propagação na Alemanha seria a ruina do organismo cesarista, em que teem assentado os privilegios politicos e economicos de que gosam as classes dominantes. Lembremos de que Guilherme II dizia, a proposito da agitação antimilitarista em França:

«Pois julgam (cito de memoria) que estamos muito satisfeitos com o que se passa em França? Isso seria o mesmo que estar alguém muito contente ou sequer indifferente, pelo incendio

que lavrasse na casa do visinho, contigua á sua».

A victoria alemã traria o fortalecimento, a victoria do conservantismo em todos os paizes, agravado com a influencia germanica que seria preponderante. Não é preciso pensarmos muito para vermos que futuro estava reservado, em cada país, ás ideias de libertação e aos que as defendem. Com a derrota alemã, é o enfraquecimento das ideias de reacção nos paizes não beligerantes; é a revolução ou pelo menos a quebra do prestigio nos paizes derrotados, dos respectivos regimens politicos e seus representantes; é nos paizes vitoriosos, uma luta contra os reaccionarios dada em melhores condições, porque: vem a faltar aos reaccionarios o apoio que teriam, com a victoria alemã, dos proprios alemães e dos reaccionarios dos outros paizes, animados com a fortuna que lhes sorria; a força dos revolucionarios é muito maior, força moral porque contribuíram para repelir o invasor e força material, porque estão dentro das organizações militares e administrativas, onde a sua influencia não deixará de se exercer num sentido favoravel á boa causa e tendo por eles os revolucionarios dos outros paizes, que poderão exercer influencia benefica, moral e material.

Quanto á Russia, parece-me que está jogando uma partida arriscada, falando em direitos e liberdades e continuando a oprimir como sempre. Ou os governantes russos, levados pelos governos mais esclarecidos da Inglaterra e da França, cumprem o que prometeram e dão mais liberdades, ou a revolução, reprimida ha poucos anos, romperá mais forte que nunca e com mais probabilidades de vencer, porque alem da victoria do liberalismo ser um grande auxiliar para ela, falta ao despotismo russo o apoio alemão, que nunca lhe faltou. Quem sabe até, se nessa ocasião os despotas russos e alemães agora desavindos, se não estenderão as mãos num esforço comum contra o mesmo perigo: a revolução?

E' em França que a luta contra a reacção ha-de talvez ser maior.

E a proposito lembro-me de que, discutindo uma noite com um excelente camarada, a dois ou tres mezes de guerra, ele me dizia que os revolucionarios, ingressando ou apoiando o ingresso nas fileiras, ficavam sem força para se opôr aos manejos dos reaccionarios; ao que eu respondi que, á medida que estes se fossem manifestando, assim aqueles se manifestariam contra eles, provando

que não se esqueciam dos inimigos de dentro por causa dos de fóra.

Os factos estão dando razão a esta maneira de ver pois que as divergencias se acentuam cada vez mais e não se vê, pela attitudé dos revolucionarios, que eles se deixem iludir ou se resignem a respeitar as arremetidas dos outros. Nem os revolucionarios que estão nas fileiras nem os que se encontram longe dos combates, se mostram, quer *absorvidos* pelo meio, quer iludidos sobre a significação da guerra, quer amedrontados com as manobras dos reaccionarios—pois seguem-nas com attenção e mostram-se dispostos a resistir-lhes—quer julgando que para os governantes as palavras *guerra de libertação*, tem a mesma significação que para eles.

Que a reacção pretenda aproveitar-se da victoria, como se aproveitaria da derrota, é natural e todos o esperavamos; mas o que se tem passado é que nos mostra que os receios manifestados pelo camarada a que me referi, se não justificam.

Se neste momento ha nações resolvidas a baterem-se, é a França uma delas e talvez mais que nenhuma.

Quantos mais revolucionarios estiverem dentro dos varios organismos da defeza da França, neste momento, mais probabilidades ha dos governantes não abusarem ou do abuso não vingarem. Era melhor a insurreição vitoriosa; mas como essa era impossivel... abstenção? E depois?

A França derrotada era agora um mal bem maior—porque bem maior seria depois a influencia alemã,—do que foi depois de 1870, derrota da qual Bakounine dizia:

«A causa da França tornou-se a do mundo e a derrota e a perda da França serão a derrota e a perda da liberdade, de tudo quanto é humano no mundo. Se a Prussia a vence, a humanidade européa estará perdida para, pelo menos, cincoenta anos; e a nós outros, os velhos, não nos restará senão morrer».

O que diria ele agora, vendo muito maior a ameaça da Alemanha contra a liberdade que ele tanto amava, dessa Alemanha de que ele, já em 1872 dizia... o que o leitor pode ler noutra parte deste jornal. Mesmo que se não seja tão francofilo e tão germanofobo como Bakounine, pode-se no entanto justificar a defeza da França contra a Alemanha, em nome da liberdade contra o despotismo, sem que por isso nos confundamos com os governantes e reaccionarios franceses.

Emilio Costa.

(Continua)

E' necessario termos sentimento e não contarmos muito com o sentimento dos outros.

H. Becque.

A questão do pão

Declara o *Pais* que pessoa de sua inteira confiança lhe disse o seguinte:

O governo espera ter uma tal ou qual compensação nos trigos e farinhas, na posse das fabricas matriculadas. Mas esta compensação d'onde sae?

Do encarecimento do pão de luxo (pão fino) e da qualidade de pão que o povo em geral terá de comer. D'aqui é que não ha sair. A diferença de 2 centavos, numeros redondos, porque a Moagem adquire o trigo exotico, não é ela que a perde, mas fatalmente ha de sahir da algebeira do consumidor, e do *paladar*, para não dizer do estomago das classes pobres...

... Em setembro e outubro, o trigo estrangeiro podia-se obter (assim nos afiançou um moageiro dos mais serios) a 7 centavos o kilo, hoje custa 11 e mais, tambem por kilograma, o que em 100.000.000 de kilogramas, cuja importação foi actorisada, dá um prejuizo para o Estado, e o Estado é a população do paiz, de 4.000 contos.

— Em uma reunião dos corpos gerentes da Associação dos Operarios Manipuladores de Pão, ha dias efectuada, ficou demonstrado, pela comparação entre os preços antigos e os que entraram em vigor no sabado da semana passada, que o pão teve um aumento de um centavo em kilo, pois que o pão de 8 centavos equivale ao antigo tipo de 9 centavos. E depois em uma reunião da respectiva assembleia geral, diversos operarios reptaram os autores ou inspiradores das notas officiosas a dizer onde é que está o *pão economico*, de farinha de 3.^a, com o peso de 1.000 gramas, que por lei de 3 de junho de 1913 até ao dia 5 de março corrente era vendido a 7 centavos ao balcão das padarias; e se esse pão, vendendo-se agora a 8 centavos, tambem ao balcão, não aumentou 1 centavo em kilo, ainda com a agravaite de se lhe poder adicionar farinha de milho. E acrescentaram:

Mas ha mais: O pão de 4 centavos o meio kilo, fabricado com a farinha de 2.^a, é o que se vende agora a 4,5 centavos ao balcão, é claro, porque, levado ao domicilio, não pode ser vendido por menos de 5 centavos.

— Em certos concelhos vizinhos do Porto — diz um jornal operario dali, — o preço do alqueire de milho que podia e devia ser de 60 centavos é de 70 centavos.

Figuras da social

Não se tendo removido completamente as dificuldades que surgiram, resolvemos substituir por outra a «figura»; mas nem assim fomos mais felizes, porque não obtivemos tudo a tempo de entrar neste numero.

Estamos providenciando para que semelhantes contratempos não se repitam, e não hão de repetir se. Agora a publicação seguirá sem se olhar á ordem ou seriação que haviamos traçado. As figuras de Proudhon e Lassale serão das primeiras a sair.